

CLIPPING

18 de julho de 2018
Diário do Pará – Você, 01, 02

Arte na floresta

Comitiva de artistas se integra à “Romaria da Floresta”
em homenagem à Dorothy Stang, em Anapu

BRICOLAGEM

Esperança Bessa

EDITORA DO VOCÊ

Irmã Dorothy foi assassinada em 12 de fevereiro de 2005. Seis dias antes, ela desafiava a cantora Iva Rothe a levar música para a comunidade de Anapu, pela qual dedicava a sua vida.

“A Irmã Dorothy estava almoçando em casa. Eu estava às vésperas de fazer meu primeiro circuito internacional na Alemanha. Ela se virou para mim, e disse, com aquele sotaque inesquecível: ‘Iva, quando você vai levar sua música para nosso povo?’. Quando ela falava ‘nosso povo’ se referia a Anapu, a terra que ela chamou para si. Seis dias depois ela estava morta e aquilo me marcou profundamente. Anos depois o Governo do Pará abriu edital para premiação de projetos, eu havia acabado de lançar o (CD) ‘Aparecida’ e me interessava circular com ele. Quando li o edital, pensei: ‘Bom, Dorothy, é agora!’. E aí fomos para lá, pela primeira vez”,

recorda a artista, que se juntou à programação da “Romaria da Floresta”, iniciada em julho de 2005.

O evento-manifesto religioso, político e cultural foi criado com a intenção de não deixar a morte da missionária cair no esquecimento e tornar-se vão. Este ano, quando completa 13 edições, a “Romaria da Floresta” vai receber o projeto de pesquisa da Universidade Federal do Pará “Trilhas para Irmã Dorothy: Uma Poética da Bricolagem”, coordenado pela professora Waldete Brito. A comitiva de 31 integrantes, dentre artistas e equipe técnica, já está em Anapu para três dias de intensa programação, de hoje a sábado. E Iva, aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) e bolsista do projeto, vai junto.

A escolha para fundamentar o projeto “Trilhas para Irmã Dorothy: Uma Poética da Bricolagem” na cidade de Anapu deu-se em função do local ter um dos menores IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) do Estado do Pará, e ser palco de conflitos sociopolíticos marcantes.

“Este fato, às vezes, dificulta o interesse de artistas-docentes pesquisadores em propor ações de ensino, pesquisa e produção nesta localidade. Um lugar em que existe um número significativo de famílias que moram em assentamentos e seguem lutando por terras. Embora esta comunidade esteja vivendo em condições sociais precárias, ainda assim a cultura local está viva, quer seja através da ‘Romaria da Floresta’, do canto ou da dança, o valor e o sentido artístico, mesmo que timidamente, permeiam a vida em Anapu”, explica Waldete, que também integra à comitiva o Grupo Coreográfico que leva seu nome, o Grupo Coreográfico da UFPA, que este ano completa 50 anos, o fotógrafo Miguel Chikaoka, além de profissionais de audiovisual que irão documentar essa “Romaria da Floresta” tomada pela arte.

INTEGRAÇÃO

Todas as programações abrem às 19h30, no Centro São Rafael, onde Irmã Dorothy trabalhava e onde este ano se concentrarão as ativi-

dades. A Comissão Pastoral da Terra em Anapu tem informação de que manifestações culturais locais e de outros municípios também farão parte do evento.

“Ressaltamos que os alunos bolsistas do projeto são responsáveis pela coleta de dados para a produção de artigos sobre todo o processo experimentado e vivenciado durante a execução das atividades, abrindo outras perspectivas do pensar-fazer arte no campo, como mais uma possibilidade de transformação sociocultural”, pontua Waldete, ressaltando que em dezembro haverá a publicação da coletânea de artigos frutos dessa experiência, com o título provisório de “Projeto de Pesquisa: Trilhas de uma Poética no Campo”.

A programação apresentada a partir de hoje em Anapu é a culminância de atividades iniciadas bem antes. Na primeira semana de julho, a comunidade participou de oficinas de fotografia com Miguel Chikaoka, e de dança contemporânea, com o bailarino e professor Diego Jaques.

O resultado da oficina de fotografia será apresentado hoje, com uma mostra reunindo projeções, fotos impressas e câmeras pinhole produzidas durante a atividade “Brincando com a Luz”, que reuniu um grupo de 12 pessoas, a maioria jovens mulheres com idade entre 12 e 17 anos.

“Propus uma espécie de narrativa em torno de um assunto comum a todos, que chamamos de ‘Minha Morada’, para que registrassem a rua onde vivem. Mas a abrangência não é só a rua em si. É a paisagem, o cenário, personagens que marcam aquela comunidade, a vista da rua a partir da casa, tudo isso faz parte da identidade da rua. E quem mora na zona rural, a roça, a vicinal, flores, frutas, tudo isso faz parte da ‘rua’ deles”, detalha Chikaoka.

A oficina durou três dias, e os alunos continuaram produzindo e enviando as imagens para Chikaoka, que fez uma curadoria do que será apresentado hoje. Mas os trabalhos ainda continuam. “Eles estão sendo convocados a fazer a cobertura da ‘Romaria da Floresta’, em um exercício no plano coletivo, para construir um relato do que foi o evento a partir de várias perspectivas”, antecipa

Na sexta-feira, 20, o Grupo Coreográfico da UFPA apresenta “Enraizando”, dramaturgia concebida pelas professoras Eleonora Leal e Waldete Brito, enquanto a Cia Experimental de Dança Waldete Brito mostra o espetáculo “Festa na Cidade”, uma releitura das festas de brega. “Este projeto abre outras perspectivas de interrelações com a pesquisa social, econômica e política, buscando compreender tais questões no campo dos processos criativos”, detalha Waldete.



FOTO: JAINE ROSE DOS SANTOS/DIVULGAÇÃO



**Diversos
olhares sobre
Anapu**

Registro do trabalho com pinhole durante a oficina “Brincando com a Luz”, ministrada por Miguel Chikaoka em julho no município de Anapu e, abaixo, duas imagens resultantes das atividades. FOTO: MIGUEL CHIKAOKA/DIVULGAÇÃO